

## RECADO DE PARIS

Paris, agosto — Num café, pela madrugada, entra Orson Welles com alguns amigos. Está cada vez mais alto, um tanto gordo, vestido de escuro, com uma gravata prateada. Fala e ri alto, muito alto. Vou a êle, lembro que já tinha mandado um recado por amigo comum. Sou aquele jornalista brasileiro que o...

Mas êle me interrompe:

— Brasileiro? Mas enton fala português!

Pergunto se êle prefere que o procure no hotel ou no teatro:

— Amanhã, no teatro. Amanhã, oito e meia. Tenho muito prazer, amigo!

E na hora de sair ainda vem à minha mesa se despedir do "amigo brasileiro". Sáí, falando alto, agora em inglês.

Mas no dia seguinte no teatro há um aviso na porta e uma consternação no camarim, onde seu secretário me recebe decolado: não haverá espetáculo nem entrevista nem em inglês nem em francês nem em português: Orson Welles está absolutamente afônico apenas é capaz de soltar grunhidos.

No outro dia viajei, na minha volta êle tinha viajado, a conversa ficou para depois. Mas antes de ir-se êle disse ao meu amigo: "Tenho uma grande dívida com o Brasil. Quero ganhar dinheiro para ir lá e fazer um filme, desta vez por minha conta e risco, em um país que achei admirável e onde fui tão infeliz que durante a filmagem morreu um velho pescador. Sim, diga ao seu amigo brasileiro que um dia eu voltarei lá".

De sua janela, no Boulevard Montparnasse, Clovis Graciano vê um velhinho que sai do prédio em frente. Um pouco mais tarde encontra-o em um bar ali perto. É um bar sossegado, que neste tempo de férias anda quase vazio. O velho está gôzinho, mas parece se sentir confortável e feliz a conversar com sua barba branca, fumando cachimbo e tomando cerveja, na tarde fresca. Graciano não tem dúvida nenhuma, mas em todo caso pergunta ao garçon. Sim, é Henri Matisse, pintor.

27/8/50

R. B.